

Revista Economia & Tecnologia (RET)

Volume 10, Número 1, p. 99-108, Jan/Mar 2014

Seção: Desenvolvimento Econômico

“A força da liderança com ideias” ou “Thatcher, Hayek e o Brasil”

Marcelo de Oliveira Passos*
Marco Antonio Ribas Cavalieri**

Resumo: Recentemente, Margaret Thatcher, uma das principais líderes do liberalismo econômico no âmbito político, faleceu, suscitando uma série de reavaliações sobre o significado de sua passagem pelo cargo de primeira-ministra da Grã-Bretanha. Thatcher era admiradora da obra de um dos grandes líderes do liberalismo econômico no âmbito acadêmico, o economista austríaco Friedrich Hayek. Em nossa opinião, a relação entre as ideias de Hayek e a atuação política de Margaret Thatcher é um excelente exemplo da interação entre o meio acadêmico e a adoção das suas recomendações na prática política. Desse modo, aproveitamos para realizar três esforços de síntese nesse artigo. Primeiro, revisitar o núcleo duro das ideias econômicas e da abordagem teórica de Hayek. Em segundo lugar, analisar como o economista austríaco influenciou não somente Thatcher, mas seu contemporâneo Ronald Reagan. Por fim, algumas notas conclusivas analisam a relação entre o mundo acadêmico e a prática, fazendo algumas ilações a partir disso. Vale mencionar, a título de alerta, que o artigo tem um caráter ensaístico.

Palavras-chave: Friedrich Hayek, Margaret Thatcher, Liberalismo

Classificação JEL: B25; B31.

* Professor adjunto do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Organizações e Mercados da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: profpassos@uol.com.br

**Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná e da Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico. E-mail: cavaga@uol.com.br

1 Introdução

Margareth Thatcher, odiada pela esquerda e alçada à condição de mito pela direita, foi uma das personalidades mais influentes do século XX. Mas isto é uma informação banal, um lugar-comum, uma manchete de qualquer pasquim da vida. O olhar que sugiro ao leitor sobre o legado desta química de formação, política por vocação e líder por natureza, é o da Dama de Ferro que, influenciada pelas ideias de Friedrich Von Hayek e lidando com o desafio de modificar a estrutura institucional de um país dotado de instituições eficazes - além de ser uma das maiores potências militares e econômicas do planeta - mudou o paradigma do pensamento econômico vigente.

Nesse sentido, a primeira seção, após a introdução, trata dos fundamentos do pensamento austríaco. A segunda analisa a influência que o pensamento hayekiano exerceu sobre Thatcher e Reagan, faz um breve relato da gestão destes dois líderes e sugere alguns pontos para a reflexão acerca dos efeitos sobre o desenvolvimento econômico resultantes da integração de fatores como liderança esclarecida e comprometida, demanda por mudanças institucionais, instituições eficazes e boas ideias. A terceira apresenta as considerações finais do artigo.

2 Fundamentos do pensamento austríaco

A primeira subseção trata dos mentores intelectuais de Hayek. A segunda comenta o pressuposto do subjetivismo. A terceira analisa como o papel do equilíbrio dentro de uma teoria original que combina os conceitos de conhecimento, coordenação, planos dos agentes, mercado e empresário.

2.1 Os mentores intelectuais de Hayek

Para Bernier (2001, p. 73), embora Hayek tenha sido, a partir dos anos 1930, o representante principal da escola austríaca, o precursor desta escola foi Carl Menger. Ainda, ao se falar de abordagem austríaca, o nome de Ludwig Von Mises merece bastante destaque. Nesse sentido, de acordo com o importante historiador do pensamento econômico Roger Backhouse (1988, p. 430), a economia austríaca é a tradição que provém de Menger através dos trabalhos de Mises e Hayek. Ainda, é importante salientar dois autores que os próprios austríacos consideram de uma geração intermediária entre o fundador Menger e a geração de Mises e Hayek, são eles Friedrich Von Wieser e Eugen Böhm-Bawerk. Estes dois foram professores não somente de Mises e Hayek, mas de outro austríaco célebre no pensamento econômico, Joseph Schumpeter.

Nessa linha, claro está que Carl Menger é o primeiro precursor intelectual de Hayek. Como é amplamente sabido, Menger fez parte do trio que popularizou o marginalismo a partir do final do século XIX, junto com Léon Walras e Stanley Jevons. Entretanto, em um artigo já considerado clássico, William Jaffé (1976) marca profundas diferenças entre esses três pioneiros do neoclassicismo.

Mais ainda, mesmo considerando que existem diferenças profundas entre as abordagens de Walras e Jevons, não é exagero dizer que Menger teria sido “o mais diferente entre os três”. Carl Menger dava muita importância ao realismo de sua teorização e entendia que a matemática não era indispensável para a economia. Dentro disso, ganham importância a preocupação de Menger com a questão do tempo, da incerteza e do conhecimento no estudo dos fenômenos econômicos.

Conforme Napoleoni (1979), Mises salientou antes de Hayek o caráter irracional de uma economia planificada, afirmando que ela não cumpria a finalidade básica de uma economia em qualquer contexto institucional: tornar mais eficiente a utilização dos recursos escassos na obtenção de certos fins. Mises considerava que, em uma economia, os recursos econômicos deveriam ter precisos e rigorosos índices de escassez (o sistema de preços relativos em um mercado livre) que permitissem que ela fosse capaz de operar as várias escolhas que a eficiência de gestão exige. A inexistência de um sistema de preços relativos que forneça tais índices levaria à ineficiência¹. Isto posto, sendo uma economia planificada uma economia sem liberdade de mercado, ela teria o vício de origem de não possuir o mecanismo que mede a escassez relativa dos recursos. Portanto, os critérios arbitrários de escolha serviriam como atalhos para a desordem e o aprofundamento da escassez².

2.2 O subjetivismo

Conforme Lachmann (1943) as questões econômicas são formuladas em termos de recursos (noção objetiva) e de necessidades (concepção subjetiva). Mas os austríacos consideram que todos os elementos de uma o problema devem ser subjetivos. Os corolários desta hipótese apontam para uma economia que não diz respeito aos bens materiais, posto que trata de meios e ações humanas (Bernier, 2001, p. 74)³. O pressuposto do subjetivismo foi alvo de muitas críticas que ajudaram a eclipsar a escola austríaca no período da revolução keynesiana (de 1945 até meados da década de 1970). A hegemonia da escola da síntese keynesiana neste período era corroborada pelo crescimento econômico dos países industrializados capitalistas, que centravam suas políticas econômicas para a recuperação de suas economias abaladas pela Segunda Grande Guerra. É possível imaginar a dimensão do esforço retórico por parte de Hayek na defesa de suas ideias em uma era na qual o *zeitgeist*⁴ lhe era amplamente desfavorável e o que representou para este economista uma liderança como a de Thatcher, que referendou políticas econômicas respaldadas por sua teoria.

1 Com efeito, a existência de um sistema que garanta a livre fixação dos preços relativos – sistema capaz de medir a escassez relativa dos recursos – é a condição *sine qua non* para a eficiência do processo de escolha.

2 Uma economia planificada pode também dar lugar, segundo Mises, a resultados elevados em termos puramente materiais. Mas o custo que se deve suportar para atingir tais resultados não se pode conhecer, e precisamente porque o cálculo do custo não é possível, só por puro acaso a economia planificada pode evitar esbanjamentos gigantescos.

3 O sentido que os homens dão aos bens e à riqueza associado à interação das ações humanas são fatores mais importantes, na análise hayekiana, do que a condição natural da existência dos bens.

4 O “espírito do tempo”, o “espírito de uma época”.

2.3 *Equilíbrio dinâmico com conhecimento, coordenação, planos dos agentes, mercado e empresários*

Hayek foi influenciado pela Escola de Lausanne, embora não tenha concordado com o equilíbrio estático no qual os agentes são dotados de um conhecimento perfeito. Na década de 1930, Hayek começou a conferir um caráter dinâmico ao conceito de equilíbrio geral, integrando-lhe uma explicação das flutuações⁵. Em *The Pure Theory of Capital* (1941), a última obra teórica importante de Hayek⁶, o equilíbrio walrasiano é “dinamizado” e criticado pela sua falta de subjetividade, sobretudo no que diz respeito ao papel das expectativas⁷.

Uma vez que o subjetivismo admite que a economia não está voltada para a alocação mais lucrativa dos recursos, a coordenação do conhecimento (ou “ordem espontânea”, para usar o termo cunhado por Hayek) é o meio pelo qual os indivíduos se apropriam dos fragmentos de informação com o objetivo de aplicá-los às atividades das quais derivam mais proveito. Para Hayek, os recursos produtivos e as necessidades, embora sejam conhecidos, não possuem relevância considerável para resolver o problema econômico mencionado. Existe, em relação ao futuro, uma “penumbra de dúvida e incerteza” (Lachmann, 1943, p. 17)⁸. Por outro lado, todas as ações econômicas se destinam a este futuro incerto⁹.

Sobre a importância da coordenação e o papel do mercado, em um debate com Oskar Lange e Abba Lerner, no início da década de 1940, Hayek ressaltou a superioridade dos mecanismos de mercado em relação às economias centralmente planejadas e ao socialismo de mercado. Lange e Lerner advogavam a possibilidade de uma coordenação dos planos dos agentes por um planejador, enquanto Hayek defendia que uma economia controlada por um órgão centralizador não seria capaz de recolher um volume de informações suficientes para promover uma coordenação tão eficaz quanto a possibilitada pelas livres forças de mercado.

Hayek pensava que a concorrência nos mercados seria um enorme “processo de descobertas” por tentativas e erros. Neste processo os lucros se apresentariam como sinais de êxito e os prejuízos como indicadores de erros¹⁰. Um mercado competitivo garante que o conhecimento seja continuamente gerado e renovado. Ademais, este mercado está associado não somente ao conhecimento, mas também às expectativas e a coordenação dos planos dos agentes. Kirzner

5 A própria essência microeconômica do equilíbrio walrasiano começou a ser remodelada pelos austríacos, que propuseram uma noção de equilíbrio que consiste na procura, ao longo do tempo, da compatibilidade dos planos dos agentes em um ambiente sócio-econômico no qual o conhecimento se encontra disperso.

6 Nesta obra, Hayek relativiza seu pensamento e, embora se mantenha partidário do método de equilíbrio dinâmico, ele a utiliza apenas como uma etapa preparatória para a questão da coordenação que, a seu ver, era a pedra angular do problema econômico.

7 Todavia, tal tentativa de reformulação não recorreu ao auxílio de nenhum tipo de método quantitativo, uma vez que Hayek não considerava crucial o papel da Matemática para a teoria econômica (outro ponto criticável na escola austríaca até mesmo no entender de outras escolas liberais, como os neoclássicos, novos-clássicos e monetaristas).

8 Esta ideia se assemelha à noção de incerteza em um sentido forte, tão cara aos pós-keynesianos e reduzida à noção de risco pelos novos keynesianos, os keynesianos da síntese e os neoclássicos.

9 Para Lachmann (1943) estes dois aspectos são os únicos pontos de contato entre os pensamentos de Hayek e Keynes.

10 Assim, a escola austríaca não admite o *homo economicus* infalível e onisciente. Ao contrário, os agentes estão inseridos em um processo dinâmico de mercado

(1976) defende que a coordenação e a repartição do conhecimento existente, gerado e assimilado por um grande número de indivíduos, é a função primordial do mercado. Se ao mercado não é possível alterar as expectativas, ele é capaz de coordená-las. Nesse sentido, o empresário, para os economistas austríacos, é um agente da maior importância, pois em sua busca por maiores lucros, ele assume riscos, articula conhecimentos e comete erros. Agindo assim, ele “gradual mas sistematicamente, estreita os limites da ignorância” (Kirzner, 1976, p. 79).

3 Liderança, demanda por reformas, instituições eficazes e as ideias em seu lugar: o período Thatcher.

Talvez seja exagero dizer que o pensamento de Hayek e da escola austríaca tenha sido muito pouco influente nas principais universidades norte-americanas, britânicas e europeias durante o período da revolução keynesiana (do início da década de 1940 até o final dos anos 70). Mas certamente é uma constatação histórica realista afirmar que, após Thatcher, o pensamento de Hayek e do economista mais importante por ele influenciado, Milton Friedman, emergiram após mais de quatro décadas de hegemonia da teoria econômica keynesiana em praticamente todo mundo capitalista.

Na década de 1980, o mundo presenciou um ressurgimento do pensamento liberal, uma reação contra os excessos das políticas keynesianas. Tais políticas haviam acelerado significativamente as taxas de inflação nos países desenvolvidos. No front político, o movimento liberal¹¹ foi capitaneado por Margaret Thatcher na Inglaterra e por Ronald Reagan, nos EUA. No front econômico, as ideias de Hayek e Friedman inspiraram o ressurgimento do liberalismo. Simonsen (1994, p. 280), resumiu os objetivos de política econômica do liberalismo da década de 80: (i) combater a inflação; (ii) fortalecer a cooperação internacional; e (iii) reduzir o tamanho do Estado. Este autor, em suas próprias palavras, detalha esta agenda:

“O combate à inflação seria conseguido pela implantação, pelos bancos centrais, de rígida disciplina monetária, o que basicamente foi conseguido, tanto nos EUA quanto na Europa Ocidental e no Japão. No campo tributário, a ordem era simplificar impostos, reduzindo as alíquotas progressivas do imposto de renda, que desestimulavam a iniciativa e o trabalho individuais. Assim, a incidência máxima do imposto de renda sobre a pessoa física foi reduzida para 32% nos EUA e para 40% na Inglaterra. Os controles do governo sobre a atividade econômica deviam ser reduzidos drasticamente, por um amplo processo de desregulamentação. Isso significava a supressão do controle de preços, de câmbio e de movimentos de capitais, entre outros. As despesas sociais passaram a ser mais cuidadosamente disciplinadas, como em tese deveria também acontecer com

11 Ou “neoliberal”, como alguns economistas e pensadores de esquerda preferem.

os gastos militares. As empresas estatais passaram a ser caricaturadas como dinossauros administrativos, cabides de empregos para apaniguados políticos, incapazes de oferecer qualquer resistência à pressão dos sindicatos. Iniciou-se, assim, amplo programa de privatização, detonado na Inglaterra por Margareth Thatcher e muito bem adaptado na Espanha socialista de Felipe Gonzalez, no Chile sob o regime Pinochet e adotado, já na década de 90, pelo México e pela Argentina. Finalmente, procurou-se enfrentar o poder dos sindicatos, impedindo-os de jogar a inflação contra a ameaça de desemprego.” (Simonsen, 1994, p. 280).

Algumas decisões políticas históricas de cunho liberal foram, em 1983, a abolição do sistema de indexação salarial na Itália, conseguida pelo governo socialista de Bettino Craxi e, em 1984, a resistência de Mrs. Thatcher contra a greve dos mineiros de carvão¹². A baronesa leu com afinco “O Caminho da Servidão”, a obra mais conhecida de Hayek¹³. Para Butler (1983), Hayek constatou uma grande diferença entre o que os sindicatos afirmavam ser seus objetivos e os objetivos pelos quais realmente lutavam. Nas palavras deste autor: “Eles passaram do louvável intuito de ‘liberdade de associação’ a veículos de coerção de uns trabalhadores sobre os outros” (Butler, 1983, p. 117). Ou nas palavras do próprio Hayek: “É inegável que a elevação dos salários pelo uso da coerção é, hoje, o objetivo específico dos sindicatos.” (Hayek, 1983, p.334)

Nos Estados Unidos e na Inglaterra, o ressurgimento do liberalismo ocorreu dentro de um contexto de fortes embates ideológicos¹⁴. No âmbito dos dois países mencionados, a retomada do pensamento liberal servia como uma espécie de revanche dos republicanos contra os democratas e dos conservadores contra os liberais. Nos países sociais-democratas da Europa, ela serviu como um reparo aos excessos keynesianos¹⁵.

Todavia, é um tanto curioso perceber que os países que mais promoveram o ressurgimento liberal (Estados Unidos e na Inglaterra) e que serviram como exemplos para as críticas dirigidas às bases da política econômica keynesiana, não lograram obter uma condição razoável de equilíbrio orçamentário. A equipe econômica de Ronald Reagan (que contava com muitos economistas da “*supply side economics*”) promoveu reduções tributárias bastante agudas e, ao mesmo, intensificou despesas militares. Isto levou a um aumento recorde no déficit orçamentário a partir de 1981. Um governo liberal gerando déficits que nenhum governo keynesiano norte-americano alcançou. De todo modo, Reagan contou

12 No longa-metragem “The Iron Lady”, dirigido por Phyllida Lloyd e que estreou em 30/12/2011, o trecho referente à greve dos mineiros é colocado em destaque. Este drama biográfico se baseou na vida de Margareth Thatcher. O papel da baronesa foi interpretado pela atriz norte-americana Meryl Streep, que recebeu prêmios como o “Globo de Ouro” de melhor atriz (Festival de Berlim) e o Oscar de melhor atriz, ambos em 2012.

13 Há uma cena, no filme supra-citado, na qual Thatcher se mostra vivamente influenciada por esta obra.

14 Ainda haviam vários países pertencentes ao bloco soviético que, embora já apresentassem sinais de decadência econômica, ainda inspiravam cientistas sociais de orientação marxista ou socialista em países desenvolvidos e em desenvolvimento

15 Tal foi o caso do governo socialista do francês François Mitterrand, que em 1981 tentou implantar um modelo econômico mais socialista do que social-democrata, tendo que retroceder já em 1983.

com duas gestões eficazes de Paul Volcker na presidência do FED (1979-1987). Isto o ajudou a ter êxito no combate à inflação¹⁶. Do outro lado do Atlântico, Thatcher obteve superávits em sua gestão. Mas eles não foram decorrentes da maior eficiência obtida por uma melhor coordenação promovida pelo setor privado em mercados mais competitivos e livres, tal como pregava Hayek. Na verdade, foram as receitas das vendas dos ativos das estatais privatizadas que melhoraram as contas públicas britânicas¹⁷.

A ascensão das escolas monetarista e novo-clássica, influenciadas pela visão de Hayek, Mises, Rothbard e de outros expoentes da heterodoxia austríaca, se deveu muito à capacidade de retórica e de polemização de Hayek. Mas o que seria de Hayek e dos austríacos sem a coragem de enfrentar as enormes resistências às reformas econômicas e de arriscar a sua própria vida na defesa de suas quase inflexíveis posições de Margareth Thatcher?

Influenciada pelas ideias hayekianas e dotada de forte senso de estar servindo a interesses da elite britânica, representada pelo Partido Conservador, Thatcher empreendeu reformas profundas que se pautaram pela desregulamentação do setor financeiro, pelo combate aos monopólios estatais (por meio das privatizações)¹⁸, por medidas de flexibilização do mercado de trabalho e pelas posições contrárias ao socialismo.

No período Roosevelt, marcado pelos efeitos da Grande Depressão, o pensamento institucionalista norte-americano¹⁹ dominava os grandes departamentos de economia como os de Columbia e Wisconsin (e também o de Chicago, até os anos 1920). Estes dois primeiros departamentos forneceram os economistas que ajudaram a formular o New Deal. Rexford Tugwell, do grupo de economistas da Universidade Columbia, foi o grande líder do Brain Trust de Roosevelt. Simon Patten, um economista voltado às políticas de intervenção (àquele tempo chamadas de “controle social”), influenciou Tugwell. Adolf Berle, planejador e intervencionista ligado ao movimento institucionalista também participou do Brain Trust. O economista Mordecai Ezekiel também participou dos planos de recuperação do setor agrícola norte-americano. A Brookings Institution das primeiras décadas do século XX, comandada pelo expoente do institucionalismo Walton Hamilton, também serviu com um *think tank* formulador de políticas de intervenção e de planejamento. John Maurice Clark e Wesley Mitchell, dois dos mais influentes economistas norte-americanos do referido período, discutiram bastante sobre as estratégias de intervenção no ciclo econômico. Rutherford (2011), após estudar durante 4 décadas o assunto, afirmou que o institucionalismo esteve no centro da economia acadêmica e política norte-americana no período entreguerras. Portanto, as ideias de Keynes chegaram para os norte-americanos após a influência dos economistas citados já ter sido exercida sobre o New Deal²⁰.

16 Cabe mencionar que este êxito se deveu bastante à melhora da capacidade de financiamento dos déficits motivada pela atração de poupança externa (investimentos japoneses, sobretudo) decorrente da melhora da reputação dos títulos do tesouro norte-americanos como “porto seguro” do mercado internacional de títulos.

17 O efeito positivo destas receitas sobre as contas públicas desapareceu após o ciclo de privatizações.

18 “Se observarmos a regularidade e a freqüência com que os aspirantes ao monopólio obtêm o auxílio do Estado para tornar efetivo o seu controle, nos convenceremos de que o monopólio não é em absoluto inevitável.” (Hayek, 1944, p.66).

19 Este parágrafo contou com a colaboração de Marco Cavalieri (UFPR).

Alguns outros exemplos da história mundial e do Brasil, podem ser mencionados, tais como: (i) Maquiavel, Lourenço de Médici (ele próprio, o “Príncipe” de Maquiavel) e a Itália renascentista; (ii) os enciclopedistas, o humanismo e a Revolução Francesa; (iii) o longo período de hegemonia dos economistas apoiados pelo Partido Liberal Democrata do Japão, no poder desde 1955, e o milagre japonês²¹; (iv) o alerta de Winston Churchill sobre o avanço do comunismo na Europa, a resposta de Harry Truman²² com a elaboração do Plano Marshall e a recuperação dos países europeus no período do pós-guerra; (v) a influência intelectual decisiva de Gonçalves Lêdo e José Bonifácio sobre D. Pedro I e a Independência do Brasil; (vi) as ideias da dupla Roberto Campos e Octávio Gouveia de Bulhões²³, a liderança esclarecida (ainda que despótica) do presidente Humberto Castelo Branco e as reformas no período do PAEG; (vii) os economistas da PUC-RJ, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e o Plano Real. Enfim, os exemplos da conjunção de boas ideias, instituições eficazes, lideranças comprometidas com ideais nobres e voltadas para as demandas da sociedade são vários.

É de se notar, também, que a distinção de um líder, de um lado, e de ideias, de outro, parece necessária. São muito raros os casos de líderes efetivos que sejam também influentes no campo das ideias. Há mais exemplos de intelectuais notáveis que não foram bem sucedidos na Política (Mario Vargas Llosa, David Ricardo, Roberto Campos, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Eduardo Portella etc.) do que exemplos dos que o foram (Fernando Henrique Cardoso e Vaclav Havel). Hayek apontou este fato quando escreveu:

“O político bem sucedido deve seu poder ao fato de se mover dentro de um universo de ideias amplamente aceitas e de pensar e falar de modo convencional. Seria quase uma contradição se um político fosse ao mesmo tempo um líder no campo das ideias. Numa democracia, sua tarefa é descobrir quais são as opiniões majoritárias, e não divulgar novas ideias que poderão, em futuro distante, vir a ser as da maioria.” (Hayek, 1983, p.122).

Diante do exposto, cabe perguntar: (i) quem é a liderança brasileira capaz de articular as transformações sócio-econômicas que poderão conduzir o país ao Primeiro Mundo; (ii) quem são os artífices intelectuais e as instituições de ensino e de pesquisa que darão suporte a este(a) líder?

Tais perguntas são cabíveis, uma vez que: (i) as instituições brasileiras, na comparação com os países em desenvolvimento, são bastante razoáveis; (ii) nossa sociedade demanda, principalmente, segurança, educação de qualidade e

20 De qualquer modo, a carta aberta de Keynes, escrita em dezembro de 1933 para o presidente Roosevelt, ainda é apontada por alguns como um documento que atesta a influência do pensamento keynesiano sobre as políticas do New Deal.

21 Entre 1955 e 1965, a economia japonesa cresceu em média 9% ao ano e entre 1965 e 1970, este crescimento médio alcançou 11,6% (Kosai, 1984, p. 42). A economia japonesa foi a que mais cresceu no século XX.

22 De Long e Eichengreen (1991) analisaram a Doutrina Truman e os efeitos do Plano Marshall sobre a reconstrução europeia.

23 Estes dois economistas contaram com a assessoria de Mário Henrique Simonsen, neste período.

saúde (ninguém deseja revolução ou reformas muito profundas); (iii) temos um bom número de pesquisadores, intelectuais e a atração de cérebros nas áreas que necessitam não depende de muito esforço.

4 Considerações finais

Este artigo não tece juízos de valor sobre o período do ressurgimento do pensamento liberal nem incensa a figura histórica de Margareth Thatcher. Sua intenção é – mediante a análise das ideias hayekianas e da influência das mesmas sobre a baronesa – ressaltar o potencial transformador decorrente do encontro das ideias de um ou mais intelectuais influentes (economistas ou não), da ação persistente de uma liderança política corajosa (e, preferencialmente, esclarecida) em um país ou região com instituições no mínimo razoáveis em um momento em que a população clama por transformações sócio-econômicas.

Em *lato sensu*, é de se suspeitar que o processo de desenvolvimento econômico não dependa de muito mais do que isso.

Referências

- Backhouse, R. (1988) *Historia del Análisis Económico Moderno*. Madrid: Alianza Editorial.
- Bernier, B. (2001) *La Pensée Economique Contemporaine*. Paris: Dunod.
- Butler, Eamonn. (1987) A contribuição de Hayek às ideias políticas e econômicas de nosso tempo. São Paulo: Nórdica.
- De Long, B. & Eichengreen, B. The Marshall Plan: History's Most Successful Structural Adjustment Program. *Centre for Economic Performance and Landeszentralbank Hamburg conference on Post-World War II European Reconstruction*, Hamburg, September 5-7, 1991. Disponível em: <http://www.econ.ucdavis.edu/faculty/alolmstead/DeLong.pdf>. Acesso em 22/04/2013.
- Hayek, F. A. (1983) *O Caminho da Servidão*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1984. (Do original “Road to Serfdom”, publicado em 1944).
- Hayek, F. A. (1983) *Os Fundamentos da Liberdade*. Brasília: Editora da UnB, 1983. (Do original “The Constitution of Liberty”, publicado em 1972). Disponível em: <http://www.libertarianismo.org/livros/fahofdl.pdf>. Acesso em 22/04/2013.
- Hayek, F. A. (2009) *The Pure Theory of Capital*. Auburn: The Ludwig Von Mises Institute, 2009. (Original publicado em 1941). Disponível em: <http://mises.org/books/puretheory.pdf>.
- Jaffé, W. Menger, Jevons, and Walras De-Homogenized. *Economic Inquiry*, vol. XIV, dec., 1976.

- Keynes, J. M. *An Open Letter to President Roosevelt*. Oxford, England, December, 16, 1933. Disponível em: <http://newdeal.feri.org/misc/keynes2.htm>.
- Kirzner, I. M. (1976) On The Method of Austrian Economics In: Dolan, E. G. (editor). *The Foundation of Modern Austrian Economics*. Kansas City: Sheed and Ward Inc.
- KOSAI, Yutaka e OGINO, Yoshitaro (translated by Ralph Thompson). (1984) *The contemporary japanese economy*. London: Palgrave MacMillan, 1984.
- Lachmann, L. M. (1943) "The Role of Expectations in Economics as a Social Science," *Economica*, n.s. 10.37: 12–23.
- Napoleoni, C. O (1979) *Pensamento Econômico no Século XX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- Rutherford, M. *The Institutional Movement in American Economics, 1918-1947: Science and Social Control*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- Simonsen, M.H. (1994) *Ensaio Analítico*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- The Iron Lady*. Direção: Phyllida Lloyd. Roteiro: Abi Morgan. Londres: The Weinstein Company. 30/12/2011. 1 DVD (105 min.).